

1708

8

NAPOLEADA,

O U

CONTINUAC,ÃO

DOS DISCURSOS

Sobre a Restauração de Portugal.

P O R

A. P.

N.º 2.º



Josepho Nunes

LISBOA:

NA OFFICINA NUNESIANA

Anno 1808.

Com licença da Meza do Desembargo
do Passo.

MARQUEZ

CONTINUAÇÃO

DOS DISCURSOS

Publicação de Lourenço

Amigo, queres saber

Desse vil Napoleão

A maneira de viver

Causada pela ambição,

Os meus versos deves lêr.

LISBOA:

NA OFFICINA DE MATHIAS

Anno 1808.

Com licença de Sua Magestade
do Reino.

QUINTILHAS.

I.

V Amos, Musa, analysar
Desse vil Napoleão
A maneira de tratar;
Monstro horrivel d'ambição,
Sem semelhante, sem par.

II.

Esse abysmo da maldade,
Cruel assassinator,
Producção da iniquidade;
Da Galia intruso senhor,
Sem Lei, nem humanidade.

*

(4)

III.

Esse Nero sem igual,
Enganador simulado,
Com poder Imperial
Intentou ser acclamado
Rei d' Hespanha, e Portugal.

IV.

Esse vil, falsario audaz,
Q'a Virtude acalca, e piza;
D'ambição fogo voraz,
Com perfidia elateriza
Falso principe da paz.

V.

O cruel não tem distante,
Quem lhe faça companhia;
He facil ao devorante
Na q'intenta aleivosia,
Encontrar seu semelhante.

VI.

O seu fatal pensamento
 Urdido pela traição,
 Que teve o consentimento
 Da fraudulenta ambição,
 Foi do maldito o tormento.

VII.

Deste perfido inimigo,
 Indigno de Magestade,
 Será seu mesmo castigo
 A que tem atrocidade,
 Veneno que traz comsigo;

VIII.

Com capa de protecção
 Junot manda a Portugal,
 Sucumbido d'ambição,
 Proclama primo Edital,
 Que não tem outra tenção.

(6)

IX.

O Inglez, fiel amigo
Da Portugueza Nação,
Proclama por inimigo;
Q' o grande Napoleão,
Intenta ser nosso abrigo.

X.

Como de certo sabia
Q' o Principe s'ausentava,
Benigno nos acudia;
Porquanto o Reino s'achava
N'uma total anarchia.

XI.

Com intrepido valor,
E theatral apparencia,
Faz Junot, que seu senhor,
Sem a menor resistencia
S'acclame Conquistador.

XII.

De França a tropa guerreira
 Manobrando na parada,
 Sem obstaculo de trincheira,
 Com Junot, tres vezes brada,
 Viva da Galia a bandeira.

XIII.

Destes guerreiros Ladrões
 São tryunfos da Victoria
 Grandes sommas de milhões;
 Sendo a sua immortal gloria
 Forçosas Contribuições.

XIV.

A poderosa ambição
 Pela força do poder
 Do grande Napoleão,
 Facilita conhecer
 Quimerica proteção.

XV.

Tudo são iniquidades,
 Barbarismos, violencias,
 Martyrios, atrocidades;
 Tormentosas inclemencias,
Máre magnum de maldades.

XVI.

Heroe, não he insolente,
 Usar não sabe d'enganos;
 Não persegue o innocente:
 Aborrece os deshumanos,
 Desacatos não consente.

XVII.

Tu, cruel, es insolente,
 Tuas maximas, enganos,
 Flagelas o innocente;
 Quem se liga aos deshumanos
 Toda a maldade consente.

XVIII.

Concedes authoridade
De commetter desacatos;
Teu Moral he liberdade:
Pessimos são teus contratos,
Es monstro de falsidade.

XIX.

No Reino por Deos fundado
Reinar não póde o ladrão,
Falso, vil, atraçoado;
Qual tu es Napoleão,
E quantos tens a teu lado.

XX.

O Monarcha Lusitano
Teme a Deos, não he cruel,
He justo, amavel, humano:
O seu vassallo, he fiel
Retrato do Soberano.

XXIV.

Tu, perfido Napoleão
Jámais trataste verdade,
De féra tens condição;
Es abysmo da maldade,
Até vil por geração.

XXV.

Não cumpres os teus Tratados,
He barbaro o teu poder,
Teus pensamentos malvados:
Té por fim chegas a ser
Falso com teus Aliados.

XXVI.

Portugal foi quem fez ver
Teus fantasticos braços,
Dando bem a conhecer
A's perseguidas Nações
O teu modo de viver.

XXVII.

Estás no mundo conhecido
 Por falso conquistador,
 Já não podes ser fingido;
 Foste vil usurpador,
 Como tal serás punido.

XXVIII.

Ser teu cruel justiceiro
 Por Divina inspiração
 Vai intrepido guerreiro
 Destronisar-te ladrão,
 Pôr no Solio o seu Herdeiro.

XXIX.

Apostata, cruel, malvado!
 Do teu viver a lembrança
 Tem o mundo sublevado;
 Tudo respira vingança
 Contra hum falso atraitçoado.

XXX.

Offendeste o Infinito
Com teu horroroso crime;
Perseguidor inaudito!
De punir ninguém s'exime
O teu enorme delicto.

XXXI.

Os Hespanhoes se conspirão,
Sendo Leões na braveza,
Tem constancia, não delirão;
C'os Inglezes nesta empreza
Vencer, ou morrer respirão.

XXXII.

Com igual resolução
Seguindo o mesmo Heroismo
A Portugueza Nação;
Por amor, e patriotismo,
Gloria da Religião.

XXXIII.

Desta sorte entusiasmados
Convocão as mais Nações
Incitando os consternados;
Com doudas proclamações,
Animão os asustados.

XXXIV.

Por Deos, e Rei, vida expôr,
Voluntariamente vão
Com intrepido valor;
Heroica resolução
D'um impulso Superior!

XXXV.

O Ceo vão desaggravar
Pelos crimes commettidos,
Que tremo d'os relatar:
Resurgir os opprimidos,
As Nações tranquilisar.

XXXVI.

A mais constante união,
O justo Ceo tem ligado;
Notavel resolução!
Vai dar fim deste malvado
Extinguir-lhe a geração.

S O N E T O :

R Espira Portugal, vive contente,
De todo já deu fim a iniquidade,
O pesado grilhão da crueldade
Em pedaços desfez o Ceo clemente:

O teu formoso corpo já não sente,
Da voraz ambição atrocidade,
A'quelle, que te pôz em liberdade,
As graças lhe vai dar humildemente:

De jugo tão fatal, triste, e pesado,
Por Supremo poder do nunca Injusto,
Apesar do cruel, foste livrado:

Desse Napoleão indigno Augusto,
Deshumano, sem Lei, monstro malvado,
Nada tens que temer, desterra o susto.

F I M.